

# PARODIA

## COMEDIA PORTUGUEZA



Publica-se às quintas-feiras  
Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da  
**PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA**  
**PREÇO AVULSO 20 RÉIS**  
Um mez depois de publicado 40 réis

*Redação e administração* — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

**Assignaturas (pagamento adiantado)**

Lisboa e provincias, anno 52 num. 15000 rs.      Brazil, anno 52 numeros..... 25500 rs  
Semestre, 26 numeros..... 5500 rs.      Africa e India Portuguesa, anno 15000 rs.  
Cobrança pelo correio..... 5100 rs.      Estrangeiro, anno, 52 numeros... 15800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre accitam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES  
COMPOSIÇÃO  
**Minerva Peninsular**  
82, Rua do Norte, 82  
IMPRESSÃO  
**Lithographia Artistica**  
Rua do Almada, 39 e 34

### ULTIMAS NOTICIAS DE HESPANHA



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O REBOLO

# PINHEIRO CHAGAS



A Academia Real das Sciencias vae celebrar uma sessão solemne em homenagem ao seu antigo secretario geral, Manuel Pinheiro Chagas, e é o sr. Henrique Lopes de Mendonça quem está encarregado de lhe fazer o elogio.

O elogio de Pinheiro Chagas está feito. Durante consecutivos trinta annos, noite e dia, sem descançar, elle viveu das lettras em Portugal, e poudo morrer deixando a reputação de um homem de talento. Quer dizer, o seu talento era authenticico e a sua vida foi heroica. Morreu d'uma lesão cardiaca, que elle dizia ser hereditaria na sua familia. Do que elle morreu foi de exhaustão. Trinta annos de trabalho mental, incessante e improductivo, justificam uma morte prematura. Pinheiro Chagas pouco mais tinha de cincoenta. Não morreu no infortunio, porque era uma natureza generosa. Elle nunca comprehendeu que a sua profissão era uma condemnação. Morreu como um corseil fogoso, que após uma carreira mortal, orgulhosamente succumbe. Até onde o levaram as suas forças — foi, com o mesmo arranque e o mesmo enthusiasmo. Na hora de expirar, animavam-o ainda as forças espirituales da juventude. O seu corpo é que não poudo mais e cahiu.

Pinheiro Chagas dá-nos o vivo exemplo do mallogro dos destinos litterarios em Portugal. Ninguem ignora a sua actividade e a sua fecundidade. Começou por fazer versos, como toda a gente no seu tempo. Depois fez tudo. Fez romances, fez historia, fez theatro, fez jornalismo, fez polemica, fez conferencias, fez discursos — e foi infatigavel. Durante trinta annos, sem cessar, ouviu-se em Portugal o ruido de uma penna constantemente raspando o papel. Era a d'elle.

Não teve por acaso a voga? Teve-a completa. Pinheiro Chagas foi um dos grandes nomes de Portugal. Os seus versos foram decorados, os seus romances andaram de mão em mão, as suas obras de theatro tiveram um exito que, depois de Garrett, nunca fôra igualado, os seus discursos fizeram o prestigio de todas as tribunas, os seus artigos de jornal constituiram muitas vezes o acontecimento de um dia.

Resultado: Pinheiro Chagas morreu pobre. Não amealhou e não estava sequer ao abrigo do dia seguinte.

Dissipou?

De Pinheiro Chagas se pôde dizer que não dissipou. Para em tudo ser heroica, a sua existencia foi toda ella consagrada ás virtudes domesticas. Pinheiro Chagas ganhou sempre na vespera o jantar do dia seguinte, mas não ganhou mais nada.

O seu elogio está na sua irresistivel vocação e na sua vida, sem premio, toda entregue a ella. Mas n'ella está tambem a condemnação das carreiras litterarias em Portugal, porque se houve entre nós homem de lettras que pela profusão do trabalho intellectual, devesse prosperar na fortuna, esse homem foi Pinheiro Chagas. Antes d'elle, tão abundante, só conhecemos José Agostinho. Camillo, elle proprio, não foi tão fecundo. O insuccesso de Pinheiro Chagas, morrendo pobre depois de um tão arduo trabalho intellectual, fecha a porta a todas as nossas futuras ambições de emancipação pelas lettras. As lettras foram e ficarão sendo uma servidão, mais

do que todas penosa, porque é a que conduz ás soluções mortaes.

Mas o elogio de um escriptor que, como Pinheiro Chagas, não resiste a abraçar uma carreira que sabe improductiva, não está apenas no espirito de sacrificio de todos os que a alguma coisa se dedicam sem premio, senão n'ess' outro maior espirito de sacrificio, mais heroico ainda, que é o dos que renunciam, na Arte, ás puras e duradouras glorias da arte, em holocausto á Vida — e Pinheiro Chagas fez essa renuncia.

Multiplicando-se, esse homem renunciou a deixar uma Obra, que era no entanto capaz de ter feito. Poderia ter feito Historia, ou Romance, ou Theatro, ou simplesmente Oratoria e sem as precipitações, as improvisações, os desmazelos e as leviandades da produção a todo o transe, poderia tel-os feito porventura immortaes. Não os fez e soube-o. O seu sacrificio não foi menor do que o d'aquelles que se deixam sangrar. Entregou mais do que o seu corpo — a sua alma. Renunciou pelo presente ao futuro, renunciou ao juizo do tempo, renunciou á gloria da Posteridade. Foi um heroe e foi um martyr, e hoje, ao lel-o com todos os seus generosos arrebatamentos e todos os seus sempre juvenis enthusiasmos, nós perguntamos se elle não foi tambem um santo, porque só uma natureza santificada pôde, na consciencia do seu infortunio, levar a cabo com tanta bravura e tanta galhardia, uma missão tão espinhosa e cruel.

O homem que vive das lettras em Portugal e se reputa feliz, é uma natureza privilegiada, só explicavel por uma infinita bondade, ou por uma infinita devoção.

Pinheiro Chagas foi um letrado de temperamento, dentro do qual existia uma alma stoica.

JOÃO RIMANSO.



**Couraçados e torpedeiros**

Os homens de guerra averiguaram depois dos successos do Extremo Oriente «a utilidade dos torpedeiros e a inutilidade—dizem elles dos couraçados».

Seja-nos permitido metter tambem a nossa colherada no assumpto, posto não sejamos homens de guerra, pelo menos como o é o sr. Pimentel Pinto.

Se a utilidade dos torpedeiros está averiguada, a dos couraçados—a nosso ver—não o está menos.

Com effeito, se os torpedeiros tem provado ser uteis para destruir os couraçados, estes por seu turno não tem mostrado menos a sua utilidade deixando-se destruir pelos torpedeiros.

O torpedeiro só é necessario pelo facto de existir o couraçado.

Supprimam o couraçado e terão supprimido o torpedeiro.

Nós não entendemos nada das artes da guerra, mas quer-nos parecer que o couraçado é tão preciso como o torpedeiro—um para ir para o fundo, outro para o metter no fundo.

Nem d'outra fôrma haveria guerra.

Os Estados reparam no entanto que os couraçados são um pouco dispendiosos, visto estarem exclusivamente destinados a serem mettidos no fundo pelos torpedeiros.

Perfeitamente. Modifique-se portanto o plano de construcção dos couraçados. Façam-n'os de lona, ou de lata, mas façam-n'os. Para o caso, nós, por exemplo, os portuguezes estamos perfeitamente armados. Os nossos couraçados pôdem ir para o fundo que não se perde grande coisa.

O peor é que não temos torpedeiros.

**Pladas do Sol**

Na Camara dos Deputados, expondo o Sr. Conselheiro Pequito a um pequeno grupo de amigos quaes as idéas de fazenda que tenciona pôr desde já em pratica, disse, entre outras coisas, que o projecto dos 50% em ouro se lhe afigurava muito mais licito do que o projecto que em tempos houve de se realisar um emprestimo de 4 milhões de libras, devendo o governo receber 6.000 contos da mão do tomador para regular os cambios.

—«Isso era uma mixórdia financeira em que só se procurava attender a uma questão de *lucas*...» dizia então um dos circumstantes.

—«Perdão! observava outro. Uma vez que se tratava de regularisar os *cambios*, não era uma questão de *lucas*; era uma questão de *Botas!*»

**Portugal no Extremo Oriente**

Imagina muita gente que Portugal não tem nada que vêr como que actualmente se está passando no Extremo Oriente, entre a Russia e o Japão.

Puro erro!

Tanto do lado da Russia, como do lado do Japão, Portugal tem interesses, mais do que politicos, ou diplomaticos—consanguineos.

Por outra: o sangue que está correndo no Extremo Oriente é sangue portuguez.

Com effeito, descobrem as *Novidades*—o quê?

Que o almirante Togo, commandante das forças navaes japonezas que bloqueiam Porto Arthur, é, nada mais nada menos, do que descendente de Vasco da Gama; e, por outro lado, o mesmo jornal averigua que o almirante Makharoff, ha dias morto no desastre do couraçado russo, *Petropavlovsk*, é—o quê, santo Deus?

Primo do sr. Polycarpo Anjos!

Este caso é tão extraordinario que nos está parecendo que a guerra russo-japoneza não se passa nas aguas do mar Amarello e do golpho de Petchili, mas, na realidade, no *Carnet Mondain* das *Novidades*, e que as batalhas entre russos e japonezes são... batalhas de flores.

Semilhanes parentescos não se encontram no theatro da guerra e no campo de batalha—encontram-se no theatro D. Amelia e no Campo... Grande.

**A melhor defesa**

Todos os dias se lê agora nos jornaes de maior circulação alguma noticia d'estas:

«Foi ordenado o transporte de uma peça que estava no forte de tal para o forte de tal, onde se tornava mais necessaria.»

«Duas peças que faziam parte de tal bateria vão ser transportadas para outra, por ordem urgente do Ministerio da Guerra.»

Etc. Etc.

D'estas noticias parece depreender-se que se chegou, finalmente, a cuidar a sério da defesa dos nossos portos. Sendo assim, temos uma idéa para a defesa do porto de Lisboa.

A idéa é esta: a entrada do porto seriam postas em scena duas peças, uma de cada lado.

D'um lado, uma peça do Sr. Sousa Monteiro.

Do outro lado, uma peça do Sr. Maximiliano de Azevedo.

E ninguem mais se metteria connosco!

**Boquihas Roux**

Guerra á nicotina!

O doutor Roux, depois de nos ter dado o sôro, dá-nos boquihas, que não nos impedem de fumar, antes pelo contrario, pondo-nos ao abrigo do envenenamento pela nicotina.



D'essas boquihas protectoras do homem, recebemos alguns exemplares, da Tabacaria Americana—exemplares que agradecemos e passamos a adoptar.

**A Liga da Paz**

Vendo o leão dos seus a eterna briga,  
E fingindo uma vez não ser leão,  
Quiz proclamar da paz a santa liga  
Lá do seu alto throno no sertão.

—«O lobo comerá só as ovelhas,  
Lebres, perdizes comerá o cão;  
Pertencem-me veados ás parelhas,  
Em honra á minha c'roa de leão.

Os tigres comerão gatos vadios,  
Os gatos só as osgas dos quintaes;  
E quem na minha lei metter desvios  
Fica feito em fanaticos deseguaes!

Constou a um burro a lei: achava-a boa,  
Mas disse ao elefante pachorrento;  
—«Não vae ántes a lei que elle apregoa  
Porque nas unhas d'elle ha mais augmento!»

O elefante, alimaria a mais mazomba  
E que se orgulha em ser das mais pacatas,  
Reverente abaixando a larga tromba;  
—«Sempre assim foi... yes com batatas!»

Inculcando-se sabio mui profundo,  
Lá disse ha cincoenta annos o Gavacho:  
—«Por mais voltas que dêem a este mundo,  
O que estiver de cima dá p'ra baixo.»

# BOATOS TERRORISTAS



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

O PAPÃO

**Baixa aos hospitaes**

Um articulista naval do *Diario de Noticias*, falando do mau estado dos nossos vasos de guerra, escreve:

«Não queremos enumerar os navios que temos em bom estado: basta-nos dizer que, entregues ao Arsenal, estão para concerto o *S. Gabriel*, o *S. Raphael*, o *Rainha D. Amelia*

Por melhor vontade que haja, e não a poderá haver superior nem mais criteriosa do que a do actual inspector o Conselheiro Ferreira do Amaral, não cabe no possível concertar, remendar e construir, tudo ao mesmo tempo, em prazos diminutos. Mal se dá por concluído um fabrico, eis que chega, arrastando-se, outro enfermo naval, depois de ter passeado heroicamente, as suas mazellas por diversos portos estrangeiros, deixando, por toda a parte, a admiração e a surpresa de ver navegar taes navios, conhecendo os seus timoneiros, ademais, o estado lastimoso em que elles regressam depois de longas e penosas estações».

Evidentemente, o Arsenal de Marinha já não basta. Vae haver necessidade de distribuir alguns dos concertos pelos Hospitaes.

**A vida dos animaes**

Sebastião da Silva Leal, fundador da Sociedade Almeida Garret e protector da Sociedade Protectora dos Animaes, conversando um dia d'estes com um illustre naturalista sobre assumptos da sua especialidade, por elle veiu a saber que o cuco é o mais esperto dos passaros. Dizia-lhe o sabio:

- «O cuco não cria os filhos...»
- «Ora essa!»
- «Não cria os filhos, não senhor.

Tem o costume de ir pôr os ovos nos ninhos de outras aves, as quaes, sem perceberem o logro, os chocam juntamente com os seus.

Silva Leal foi-se a scismar naquillo, e quando subia a Rua de S. Roque avistou um cuco que fugia d'uma gaiola.

Foi andando, e seguindo-o com o olhar.

O cuco descreveu uma grande curva, e enfiou-se pela porta da Santa Casa da Misericordia.

E Silva Leal tirou logo a conclusão de que o cuco, esperto como é, fôra pôr um ovo—na roda!

**Já nós lá vamos !...**

O russo, que aos mil ganhou  
Mavorcios, nobres tropheus,  
Suas reservas chamou...  
E, depois d'isso, implorou  
O santo auxilio de Deus!

Pois quando se implora a Deus,  
Ministro de eterna pasta  
Entre christãos e judeus,  
Cá pelos calculos meus  
E' que a reserva não basta !...

E eu (meu caro leitor, oiça),  
Pateta! a pensar aqui  
Na cadeira que baloica,  
Que o Japão fazia loica...  
E não passava d'ahi!

Chamou-lhe Jardim do Oriente  
Um dos grandes escriptores  
Que ensina coisas á gente...  
E creio que é, certamente  
Mais que o da Praça das Flores.

Ora vejam lá vocês  
Um paiz que não valia...  
Mas, tanto fez, tanto fez,  
Até que alcançou a vez  
De ser pimpão hoje em dia!

E nós, os assignalados  
Em magestosa epopêa,  
Mordidos por cães damnados,  
Por mal dos nossos peccados  
Damos co'os bodes na areia!

Digo que muito me exalta  
O nome de portuguez  
Natural da Beira Alta...  
Mas acho que nos faz falta  
Um ministro japonéz.

**Creadas de servir**

No ultimo regulamento dos serviçoes, adoptado pela policia de Lisboa, ha um artigo que diz assim, pouco mais ou menos:

«A creada de servir que procure casa tem de munir-se de um atestado medico dizendo que não soffre de molestia contagiosa.»

Esqueceu um paragrafo, dizendo: § unico. Exclue-se d'esta disposição o costume de tirar todos os dias um pataco nas compras, por ser molestia propria das creadas de servir.

**Fossas**

Afirma um jornal que pelas estações competentes foram dadas as necessarias ordens para que se ponham em pratica desde já as medidas indicadas em consequencia do inquerito feito ás condições hygienicas de diversos districtos do Reino, «atendendo-se, principalmente, ás fossas mal construidas».

Está pois naturalmente indicado que essas medidas comecem, no districto de Lisboa, pelas fossas nasaeas do Conselheiro Fuschini.



A'manhã, sexta-feira, na elegante sala do D. Amelia, *rendez-vous* do *tout Lisbonne*—para falar portuguezmente.

Festa artistica de Lucinda Simões —a maior de todas, como diria Silva Pinto.

Espectaculo—*Madame Sans Gêne*, ou seja Napoleão e o Imperio, *Wagram*, *Austerlitz*, etc., etc.

**O oake-walk**

Como se sabe, o *cake-walk* é uma dança americana que, numa certa altura, obriga quem a dança a pôr-se de cocoras.

No menú de um banquete a que assistia um d'estes dias o nosso amigo Mendonça e Costa, vinha indicado um bolo a que tambem se chama *cake-walk*.

—«Você já comeu d'isto?» perguntou então um dos convivas ao nosso dilecto amigo.

E Mendonça e Costa, sempre elucidoativo:

—«Já. E' muito bom... E' um bolo feito de cocoras!»

**Maura**

Quando se soube em Lisboa que Maura tinha recebido uma punhalada — foi um acontecimento.

Maura appareceu immediatamente como um grande estadista — o rival de Canovas.

Logo, porem, que os telegrammas noticiaram que a punhalada de Maura não tinha tido importancia, Maura desceu no conceito publico.

O homem de Estado é tanto maior quanto mais fundo penetra o ferro que o fere.

Com Maura succedeu isto: um pouco mais e era a immortalidade.

Coisa curiosa! que seja preciso morrer para se ser immortal!



**Feitos do progresso**

Precisava ser homem delicado (Embora fosse p'cco de sciencia) Aquelle que trepava á eminiencia De ser um sempre illustre deputado.

Hoje d'aquelle cóio abençoado Banida está a norma da decencia; E bem póde qualquer Sua Excellencia Recorrer ao calão na tasca usado.

Ali a lingua, posta em seu manejo, Emprega os sujos palavrões da Adição, Mostrando atrevimento de sobejo.

Quando a furia entre irmãos ali se atiga, Toda a expressão é boa... e p'lo que vejo, O que ali falta entrar é só o—chiça!

**Taboletas**  
Em todos os generos  
**Francisco Santos**  
R. Gremio Lusitano  
Luzitana 41, 43

**INSTITUTO CALLIGRAPHICO**  
SANTO TRINDADE  
R. de D. Pedro V, 22, 2.  
LISBOA

**DEIXA** forçosamente de ter má letra em 12 HORAS quem fór leccionado pelo methodo Sancho Trindade, calligrapho-perito, **METHODO COMPLETAMENTE PRÁTICO.**  
Centenas de attestados publicados no *Diario de Noticias*. Lições a ambos os sexos na aula, fóra e em collegio.

**A's senhoras.** Sancho Trindade muitas senhoras em letra allemá, que está muito em moda entre as damas.

**MENSAGENS,** representações ou qualquer escripta em letra calligraphica ou de expediente.  
A letra Sancho Trindade é sempre preferida onde corre.

**P'LO CORREIO** Lições especiaes para a provincia.

**SO**

Na Rua da Prata, n.º 161, Esquina da rua da Victoria, 34

Ha as grandes pechinchas. **SERVICOS** de electro prateado, 5 peças por 2500 para 12 pessoas, 53000. Muitos outros artigos chegados dos principaes fabricantes. Ultima novidade para brindes, de Paris, Londres e Allemanha.

Rua da Prata, 161, Esquina da Rua da Victoria

**VERÃO DE 1904**

**Flores!**



Flores para chapéus



**Flores!**

Annunciando a abertura da estação de verão, de flores para chapéus, lembramos ás nossas gentis freguezas que as flores que vendemos são fabricadas nas nossas officinas.

Os preços da fabrica, porque apresentamos este artigo, em competencia com todos os estabelecimentos de modas de Lisboa, são bem conhecidos; d'ahi o enormissimo consumo que todos os annos nesta estação, teem as flores da nossa casa.

Como nos annos anteriores, continuamos a vender a nossa afamada **Rosa de pataco** que este anno apesar, de a fabricarmos de um tecido muito superior, a vendemos a **35 réis!** afim desta rosa continuar a ser a rosa de combate. Na estação passada vendemos da conhecida **Rosa de pataco** que este anno vendemos a **35 réis** perto de 4:000 grossas (quatro mil grossas) ou sejam 576:000 rasas!

Rosas de seda—rosas de velludo e seda—rosas de velludo—rosas de setim, casca, nanzuk, etc.—Forget-me-not—Paquerettes—Malmequeres—Papoulas—rosas de tocar—rosas pompon—Eglantines—Anemonas—cravos—muguets—rosas e flores pretas—Lilás—Marguerites—Crisanthemos—Bluets—Orchideas—hortensens, etc.—Folhagens—Fructos, etc., etc.

**Violetas a 40 réis a duzia!** **Piquets desde 200 réis!** Grande variedade em grinaldas para chapéus!

Executa-se por encomenda copias de modelos francezes e todos os trabalhos em flores artificiaes. Corças, cruces, plantas, bouquets, corbeilles, etc., etc.

**Grandes descontos ás senhoras modistas**

Preços da fabrica de flores artificiaes de **Alfonso de Pinho**

& **Coelho de Silva**  
**Casa de Novidades**  
**145, Rua do Ouro, 149**

**ENCADERNAÇÃO**

Simplez e de luxo, cartonagens, dourados em fitas para corças e em toda a quantidade de pelles. *Casa premiada em diversas exposições.*

**Paulino Ferreira**  
**126, Rua Nova da Trindade, 132**



**Ouviveraria e Relojoaria**

com officina annexa

de fabrico e

reparacoes

**FLORINDO**  
JOIAS  
COM  
bilhantes  
PREÇOS  
Limitadissimos  
99, RUA AUREA, 99

**Mobílias e estofos**

221, Rua da Prata, 227

**GRANDE** sortimento de mobílias em nogueira, carvalho, pau santo e érable para quartos, escriptorios e casas de jantar. Mobílias esotra as de diferentes feitios. Tecidos para reposteiro, cortinas, a catifas, oleados e espelhos.

**Papéis pintados nacionaes e estrangeiros**  
**Preços resumidissimos**

**Goarmon & C.ª**

Mosaicos Hydraulicos e Ceramicos. Azulejos em Faiança e Cartão.

Tijollos em Cimento.

Telha e Escama vidrada.

Quadros e ornatos para Chalets.

21—T. do Corpo Santo—Lisboa

Catalogos sob requisição

**CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL**

**Gaston Piel**

Das 9 da manhã ás 5 da tarde

PRACA DOS RESTAURADORES, 16

**POR 600 RÉIS**

**Ser photographo!**

Apparelho completo com accessorios, livro explicativo ao alcance de qua quer tirar retratos, por 600 réis, provincia 650 réis.

Pedir catalogo illustrado. Capas para a encadernação d'oa Parodia, 1.ª, 2.ª e 3.ª anno. Empaste 200 réis.

**Alves & Ferreira**  
**220, Rua Augusta, 222**

**FATOS em Paletot de 40000 a 250000**  
**FATOS em Frak de 120000 a 320000**  
**FATOS em Sobrecasaca de 160000 a 350000**  
**FATOS em Casaca de 200000 a 360000**  
na **Casa das thesouras**  
51—Rua da Escola Polytechnica—55

**JOSE CLEMENTE**

**JOIAS**

ANTIGAS ou modernas, ouro, prata, cantellas do Monte-Pio Geral, compra-se rua do Ouro, 250.

RUSSIA E JAPÃO



O URSO